

moa sipriano

UM PRAZER SOLITÁRIO

m o a s i p r i a n o . c o m

# **UM PRAZER SOLITÁRIO**

Moa Sipriano

Foi num 28 de setembro.

O dia do extermínio de sensações, de relações, de envolvimento corporais isentos de paixão. Isolamento. O começo de uma clausura. No dia anterior eu havia trepado com meus dois últimos espécimes da raça Tosca. Dei gostoso para um. Comi maravilhosamente o outro. Não necessariamente nessa ordem.

Fim de tudo. Ponto final.

Acordei, mais uma vez, me sentindo O Lixo. Não que a derradeira fodaria tivesse sido ruim. Bem longe disso. Mas após quase trinta anos fodendo meu corpo à procura de um parceiro ideal, acredito que cheguei tarde demais aos recônditos da luz azul para concluir o óbvio: eu não mereço ser feliz ao lado de ninguém.

Sou um frustrado sexual. Nenhum Masculino foi capaz de compreender, assumir e controlar meu sagrado fogo eterno. Sou um Insaciável, um Louco; o Demente à procura do prazer imortal.

Já fiz o serviço em milhares de homens sem identidade. Já fodi em semanas inteiras, todas as tardes, após o expediente de trabalho. Já dei meu rabo no interior de sacristias e em covas abertas no minúsculo cemitério da ilha.

Já fui chupado por uma legião de bambees famintos, alucinados por uma grande e portentosa vara bem moldada por um Gabriel. Já fizeram fila para degustar meu báculo na calada da noite, atrás de um quiosque qualquer, no auge de muitas temporadas.

Já trepei nas entranhas de barcos luxuosos e também de invólucros traiçoeiros que nem merecem o título de “embarcações”.

Já cavalguei sobre caras esqueléticos, quase mortos, turistas-mendigos caídos em sarjetas depois do décimo Carnaval. Já lambi garotões sarados à beira-mar. Já fui amarrado e currado por pescadores bêbados ou cheirados. Já espanquei, com minha pica lânguida, centenas de bundas virgens ainda cheirando a leite, aqueles dezoitos recém-libertos da fase primária do pecado original.

Orgias inesquecíveis com Caipirinhas bobos de deflorados vinte anos misturados com Homens sábios de finais setenta séculos. E brincadeiras com uma infinidade de intermediários babacas, dos trinta aos oitenta.

Enfim, acho que perdi a conta e já não sei (nem quero) precisar as estatísticas.

Você tem um corpo proporcional? Tudo no lugar? Tua bengala fica rígida ao menor sinal do meu olhar direto, sem rodeios? Você poderia ter sido a última vítima, sem dúvida. Bastava cruzar meu caminho. Bastava enfrentar meu olhar.

Nas folgas ou em férias, eu fodia, muitas vezes, durante as vinte e quatro horas de um dia não computado. Beber e trepar. Beber, trepar e dormir. E trepar

novamente. Eu já fui capaz de atos prosaicos assim. Pode depositar profunda certeza nas minhas revelações.

\* \* \*

Foi numa bela manhã de um triste vinte e oito quando eu, simplesmente, cansei!

Desisti. Entreguei os pontos. Eu não queria mais me divertir à custa de iludidos sem faces. Por mais experiência que adquiri com os milênios de fodaria ininterrupta, posso contar em três dedos as ocasiões em que fui feliz ao lado de um corpo macholístico.

Posso revelar em dois dedos os instantes em que gozei em êxtase, plenamente satisfeito. Posso apontar em um dedo a rara ocasião em que me senti completo me unindo em corpo e espírito junto ao único Pênis que eu acredito ter amado.

Adeus Cambota. O mundo gira suas engrenagens, ruídos em falsete. Um grito, dois urros, três lágrimas besuntadas em ácida agonia por um instante de glória que jamais voltará. Eu sou um frustrado. Cansei de enganar a mim-EU-mesmo.

Então, rememorando: naquele fim de setembro eu havia tomado A Decisão: nunca mais tocar, me deitar, foder ou ser fodido por nenhum outro homem novamente.

O que você está pensando? Você está insinuando que eu vou virar a casaca? Vá se foder, seu caralho da porra. Eu sou bambee, eu gosto de MACHO, eu escolhi ser gay porque era assim que tinha que ser. Eu sou, eu fui e na próxima encarnação serei um gay novamente!

A única merda é que agora, aqui, nesse exato instante, eu mantenho minha promessa há três anos. A promessa de me satisfazer sozinho, sem contato físico com ninguém.

O que? Você está louco? Eu, procurar mulher?

Não seja ignorante. Eu gosto de homem. De HO-ME-M, assim mesmo, desse jeito. Tudo em másculas caixas altas!

Abrir mão de agarrar o primeiro pinto a me dar trela foi algo deveras complicado. Você não tem ideia. Você não sabe como é. Ou talvez saiba. É como largar o Vício. Você transpira infernais cubos de gelo, perde os sentidos, tremula em alucinações, é tomado pela angústia, fica de pau duro a todo instante. Há pimenta no seu cu. Ele pisca, arreganha as pregas e arde a todo o momento. Não dá pra disfarçar o turbilhão de desejos vampirescos.

Sem as delícias da putaria, de tempos em tempos vem aquela famosa irritação. Você quer matar meio mundo que te olha com aquela cara de bunda flácida.

Graças aos Céus, eu moro sozinho. Não tenho que dar satisfações para mamãe, papai ou para o meu irmão intragável e homofóbico. E nem para Deus, vosso Senhor!

Sim, eu sei que você fez o sinal da cruz. Esquenta não. Pode ter certeza que Ele não está nem aí para sua bambee-vida.

Quem sofria pra caralho na minha mão era justamente o cacete do meu pau. Eu punhetava pela manhã, durante o banho. Trancafiado no banheiro minúsculo cheirando a pinho, eu socava uma assim que enfiava os pés no escritório de onde eu retirava meu sustento resolvendo a contabilidade dos outros.

Eu punhetava no banheiro público, ao lado do posto de bombeiros-guarda-vidas tesudos, na hora do almoço.

Eu punhetava no final da tarde, assim que chegava à minha casa. E depois do jornal das onze, claro, mais uma dúzia de belas e úmidas socadas.

O caralho do cacete vivia inchado, repleto de microbolhas. A minha dor física me proporcionava alucinado prazer imaterial.

Apesar de ter desistido de compartilhar meu corpo, meu suor e minha porra com outro cara, continuei por um bom tempo a “caçar” machos virtualmente.

Era um barato socar uma diante da *webcam*, mesmo correndo sério risco de ter minhas performances disparando gozos e urros num *xvideos* da vida, arruinando de vez minha faceta privada.

Mas até isso perdeu a graça. Pelo simples fato de na virtualidade eu também confirmar ser um frustrado. Eu gozava sem ter tesão em esguichar, enquanto o gay de ocasião se refestelava, uivando e gritando e pulando de alegria – ambos empapados na desgraça – do outro lado do mundo.

\* \* \*

Um ano havia se passado. Eu superava o vício com louvor. Mais de trezentos e tralalás dias sem pegar nenhum cara. Um ano sem chupar uma piquinha sequer. Um ano sem meter num cu arredio.

E meu rabo então, puxa vida, ele agora desfilava novinho em folha. Eu me sentia “a” própria Virgem!

\* \* \*

A salvação da podre lavoura surgiu meio que *pirlimbambéen*, durante uma de minhas últimas caçadas mecânicas nas salas de bate-papo.

Ele apareceu assim, de supetão, pedindo licença para entrar no meu MSN.

Autorizei. Um, dois, três. Logo surgiu a foto de um rosto bem emoldurado.

Faces coradas de uma beleza triste.

Ele não se escondia atrás de imagens *fake*. Padre Valdécio não fez cerimônia. Pronunciou em frases escritas às pressas – cheias de erros *açacínios* da língua – seu breve currículo: quarenta e poucos anos, padre, natural de Santa Barbra Streisand, bem pra lá da Cidade Cinzenta, literalmente nos cafundós de um Judas injustiçado.

Até que o divino era bonitão: cabelos bem curtos, enrolados em cachos acastanhados, olhos de um marrom profundo, olhar brilhante. Pele branca, quase Lestat. Um rosto redondinho decorado com um sorriso tímido disparado por lábios vermelhos que evocavam um chamego.

Sempre que conversávamos, me dava uma vontade louca de fazer *cutchi-cutchi* nele!

Nem dei bola pelo padre transviado ser padre mesmo. Achei até corajoso o ditocujo ter confiando em mim desde o princípio.

De onde ele veio? Como ele me achou? Por que me adicionou?

Prefiro ficar sem respostas. Nunca dei trela pra o acaso.

É claro que em minha carreira putística, eu já havia transado com monges, padres, “irmãos”, capetas, pastores, bispos, sacerdotes, macumbeiros e uma saraivada de pintos e bundas com nomenclatura hipócritorreligiosa.

Lovland, na alta temporada, era o destino perfeito dessa fauna irracional.

Lembre-se que Dona Fé – a lésbica – também trepa. E fode gostoso, principalmente com a velha e desdentada Dona Hipocrisia.

Tipo assim: a gente teclava duas vezes por semana, pois Padre Valdécio tinha dias e horários exíguos para se entregar ao prazer de ministrar suas técnicas à minha nefasta pessoa.

“Técnicas? Que técnicas?”, você certamente está se perguntando.

Padre Valdécio me educou – os detalhes eram pouco sagrados – em diversos macetes capazes de proporcionar um prazer sem fim. E o melhor, sem depender da porra de macho algum. Isso é o que era bom!

No começo, ele se expunha pela câmera para que eu captasse todos os detalhes da fodaria *myself*.

Eu confesso. Era excitante ver um – *cof, cof!* – um representante da Santa e Imaculada Igreja (quem ainda acredita nisso?) despido diante de mim, onde suas

mãos de delicadas proporções tocavam a si mesmo, perscrutando cada parte dos seus músculos albinos, isentos de pelos. Seus dedos mágicos brotavam novas sensações outrora ignoradas por mim.

Com o passar do tempo, Padre Valdécio deixou de se mostrar e passou apenas a teclar comigo assuntos triviais. Pelo que entendi, eu já deveria ter aprendido tudo o que eu precisava saber para me virar sozinho.

Ainda somos bons amigos virtuais.

Engraçado, lembrei-me agora: eu jamais me esqueço das imagens pixeladas dele bailando na tela, em *slo-mo-tion*, se tocando, gemendo, se entregando, enquanto Dona Aparecida tapava os olhos lá no fundo do quartinho, espremida numa fotografia torta pendurada na parede, bem ao lado de um Cristo preso ao crucifixo de bronze ou madeira, aparentemente feliz por ter sido ferrado.

Seria aquele “cristo” um adepto do...

Bom, deixa pra lá!

\* \* \*

É como bailar em águas serenas, amornadas, infinitas.

Sozinho, sempre sozinho!

O segredo está nas pontas dos dedos. Bastava fechar os olhos e deixar as pontas mágicas percorrerem todos os caminhos que levam ao novo recanto da Luxúria.

Não acredita? Leia meu relato, decore as melhores partes, feche os olhos e depois pratique!

Padre Valdécio indicou que tudo começa no toque delicado dos mamilos. Sim, isso mesmo. Acaricie com as pontas dos dedos os seus mamilos. Relaxe. Deixe rolar. Depois de um tempo, comece a beliscar os macios alternadamente. Um pouco mais de força em um, depois aplique um belisco mais severo no outro. Sinta dor, sinta o delicioso delírio da dor controlada. Abra as mãos. Roce as palmas sobre todos os peitos. Sinta a textura única da sua pele. Se você for um felizardo como eu, onde pelos macios abundam por sobre um robusto peito largo, certamente o prazer será bem maior.

Continue, não pare, não abra os olhos. Agora com as pontas. Sempre volte a atenção para as pontas ásperas dos seus dedos teleguiados. Acaricie seu pescoço. Aperte. Sinta-se sufocar. Controle a pressão. Mordisque com os dedos em pinça uma parte do seu pescoço. Puxe as orelhas para baixo. Enfie o dedo indicador dentro do seu outro orifício pulsante. Esqueça os sons, sinta apenas os gemidos internos.

Rapidamente, aplique uma grossa camada de saliva nas pontas dos dedos. Sim, cuspa se for o caso. Se lambuze. Enfie novamente – agora o dedão! – na vala dos sentidos. Volte a agarrar seu pescoço. Volte a acariciar, a morder seus mamilos inchados com o pulsar dos seus dedos cretinos. Assim, com as pontas dos dedos apenas. Nunca se esqueça disso. Assim. Você está indo muito bem. Continue. Não pare. Não abra os olhos.

Agora esqueça se você dá ou come. Cuspa nos dedos. Muita saliva amornada nessa hora. Sem dó, sem raciocinar, enfie a porra de dois dedos no centro do seu cu.

Cara, é mágico!

Assim, enfie, deixe entrar até a metade. Ou tudo... assim... por inteiro. Não pare. Soque sem dó. Prazer, prazer, prazer através de uma dor bem domada.

Seu pau está em brasas. Toque-o, venere-o com as pontas dos seus dedos melecados. Sinta sua trama. Brinque com as bolas do seu saco escroto. Aperte-as, com delicadeza. Dor é prazer. Essa é a regra. Punhete. Para cima, para baixo. Cuspa na porra da palma da sua mão esquerda. Quebre as rotinas. Troque os socantes. Punhete, punhete. Não pare. Não abra os olhos. Não idealize filho da puta algum. Pense só em você. Pense no seu prazer único. Eles não valem nada. Você é o senhor da glória da porra suprema. Punhete. Para cima, para baixo. Não goze. Controle a corrida do êxtase. Volte a se tocar. Com calma. Você não precisa atropelar o Tempo.

É como bailar em águas serenas, amornadas, infinitas.

Sozinho, deliciosamente sozinho!

Você não vai mais depender do outro. Daquele lazarento que nunca compreendeu seu ritmo. Daquele egoísta que sempre gozava antes de você e ia embora cantarolando pela orla, enquanto você se acabava de chorar e de se punhetar apenas para despejar seu leite ralo sobre a areia fina numa madrugada de quentura invernal.

Esqueça tudo isso. Volte ao seu corpo. Pontas dos dedos. Brinque com seu umbigo. Enfie o mindinho no terceiro buraco. Cuspa em seu dedo. Enfie novamente. Desça sua mão e agarre a cabeça do seu pau em chamas. Isso, sinta o gosto da pré-porra. É uma delícia! É a sua essência mais pura. É o Alfa e o Ômega. Sua intuição compreende o que eu estou afirmando. Continue. Não pare. Não abra os olhos. Punhete com as duas mãos. Sinta dor. Aperte. Sufoque seu cajado. Esfole-o. Solte uma das mãos. Com as pontas, com as pontas dos seus dedos. Sempre, sempre, sempre!

Com a mão livre, revitalize-se, toque em cada poro do seu corpo único. Faça o rodízio das carícias infinitas vezes. Enfie seus dedos saturados em todos os orifícios liberados, inclusive naqueles que você julgava secretos e nunca antes explorados

como se deveria. Um pouco mais da boa dor. Dê um belo tapa na sua cara idiota. Puxe os cabelos, rasgue suas pregas, arrebente os fios da sua barba. Uma dor controlada. E punhete. Para cima e para baixo. Está chegando a hora. Enfie o dedo no cu. O indicador, caralho! E continue a se punhetar. A fodaria está quase no auge. Mais um pouco. Abra os olhos. Não pare. Olhe para o cacete do seu pau em chamas. Continue. Continue. Comporte-se feito um alucinado. Para cima e para baixo. Você não precisa de ninguém. Você se completa. Você é único!

Para cima e para baixo. Seu pau já não aguenta mais segurar as amarras do primeiro Éden. Goze, goze como louco. Mire a porra que sai do seu pau direto para sua boca. Dois dias de treino e você consegue. Vá por mim!

Sinta o gosto tímido da sua essência única. O calor, o ardor, o rancor dos anos perdidos nas mãos dos homens sem identidades, egoístas e vazios. Respire, inspire, deixe o ar frio acalmar seu corpo fumegante, pulsante, agora inerte. Faça uma oração. Agradeça o Altíssimo por ter lhe dado o conhecimento do prazer solitário.

\* \* \*

E mais um ano se passou. E mais outro. Chego ao terceiro. Consumo a mim-eu-mesmo todas as noites. Com calma, ignorando completamente a realidade.

Ignoro o Tempo. Ignoro o mundo. Entrego-me ao meu eu mais profundo.

Minhas novas regras. Meu único jogo.

Arrogante, eu dei as costas para o Amor.

De pensar que a descoberta do que era óbvio se deu através de um padre gay que professava sua fé sem abrir mão do seu prazer individual. Padre Valdécio amava o sacerdócio. Amava sua Igreja, sua comunidade, suas missas rezadas aos domingos.

Amava cuidar de cada fiel que frequentava sua humilde Casa de Deus. Amava ser respeitado por todos e, principalmente, amado pelo Senhor.

Cumprir suas obrigações religiosas em nada interferia sua intimidade de satisfazer seu corpo entre as quatro paredes da sua solidão voluntária.

Respeitando, à sua maneira, os votos do celibato, Padre Valdécio prometera a si mesmo que nunca se casaria com ninguém que não fosse apenas a sua amada Igreja. Continuar a proferir sua fé e cumprir seus desígnios mais profundos: a de amar e cuidar e respeitar o seu próximo, como a si mesmo.

\* \* \*

E aqui finda o meu breve relato de um prazer solitário.

Nu, no escuro, está na hora do meu oitavo cigarro, enquanto aprecio meus restos verterem as últimas labaredas de um ácido suor derrotado.

Eu, Danilo Schulz, morador da ilha conhecida como Lovland, um mero auxiliar de contabilidade sem um pingão de ambição; um cara insignificante, comum e corrente, um merda pecador de merda (eu sou um pecador?), que havia abdicado da eterna procura do Amor ou de uma Alma Companheira oculta em algum lugar, em prol do egoísmo supremo de ter e dar prazer a mim-EU-mesmo, do meu jeito, no meu tempo, no meu ritmo...

... aqui e agora e para sempre...

Amém!





PROJETO GRÁFICO & EDITORAÇÃO: **Moa Sipriano**

IMAGEM DA CAPA & TIPOGRAFIA: **pixabay.com · dafont.com**

SITE OFICIAL & CONTATO: **moasipriano.com · escritor@moasipriano.com**